

SOCIOLINGUÍSTICA E QUALIFICAÇÃO DOCENTE*

Maria Cecília de Magalhães MOLLICA¹
Maria Cristina G. de GOES MONTEIRO²
Fernando Cardoso LOUREIRO³
Flávia Diniz de Souza COUTINHO⁴
Rodrigo ALIPIO⁵

RESUMO: Neste texto, discutimos o papel da formação em Linguística em cursos de Graduação em Letras e em programas de qualificação docente. Com base em duas dissertações e uma tese do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sugerimos que o docente em formação precisa vincular-se à pesquisa e, se possível, estar sob a orientação de um pesquisador experiente, capaz de identificar novos fenômenos de variação e mudança linguística e seus possíveis desdobramentos de tais fenômenos na qualificação e na prática profissional.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação. Mudança. Letramento.

* Este texto é baseado em comunicação realizada no *XXIII Encontro Nacional da ANPOLL*, realizado em junho de 2008, na Universidade Federal de Goiás.

¹ Departamento de Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. ceciliamollica@terra.com.br

² Departamento de Letras, PUC-Rio, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. mariacristinagoes@gmail.com

³ Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos PR-5/UFRJ. fc_loureiro@yahoo.com.br

⁴ Programa de Pós-graduação em Linguística, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. flavia.diniz@urbi.com.br

⁵ Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos PR-5/UFRJ. rodrigoalipio82@gmail.com

Introdução

Os conceitos basilares da Sociolinguística, elaborados em pesquisas sobre o uso da língua em sociedade, representam um instrumental eficaz na qualificação docente. Por exemplo, a experiência desenvolvida pelo projeto Letramento e Ensino Fundamental (LEF) em várias cidades do País, como Rio de Janeiro, João Pessoa e Brasília, mostra a importância de subsídios linguísticos na formação inicial e continuada de professores. Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), as atividades de Extensão da Faculdade de Letras, os projetos do Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa em Engenharia (COPPE) e da Pró-Reitoria de Extensão, como o Programa de Alfabetização de Jovens e Adultos em Espaços Populares, têm atuado na formação dos alfabetizadores, lançando mão dos conceitos de variação e mudança linguística e levando em conta a relação entre letramento social e escolar, além de utilizar novas tecnologias educacionais em materiais didáticos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Na PUC-Rio, a aplicação dos pressupostos sociolinguísticos ocorre igualmente no curso de formação de professores de língua e em cursos regulares da área de Comunicação e Expressão.

Neste trabalho, apresentamos elementos para afirmar que a qualificação em Linguística, seja em cursos de Graduação em Letras, seja em formação de Ensino Fundamental, seja em programas de EJA, como o Brasil Alfabetizado e Pró-Letramento, não deve se limitar à mera exposição didática de pressupostos teóricos. Defendemos que a formação deve incluir resultados de pesquisas apresentados em artigos e congressos da área, de tal modo a estimular a pesquisa no docente em formação. Acreditamos, assim, que o formador deve ser orientado por um pesquisador experiente da área da Sociolinguística, com condições de identificar novos fenômenos que caracterizam variação e mudança e seus possíveis desdobramentos na qualificação e prática profissional.

Pesquisas recentes e suas peculiaridades quanto à qualificação profissional

Para este artigo, selecionamos, entre teses e dissertações, defendidas no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ, três estudos recém finalizados:

1) *Variação em definições: as construções [SN ser SN] e [SN ser quando O]*, tese de doutorado de Maria Cristina G. de Goes Monteiro;

2) *ZERO ou UM: uso do artigo indefinido diante de nomes incontáveis*, dissertação de mestrado de Rodrigo Alípio Carvalho do Nascimento;

3) *Funk e mudança: uma análise sociométrica*, dissertação de mestrado de Flávia Diniz de S. Coutinho.

O primeiro deles examina um fenômeno que já ingressou na escrita de alunos de todos os níveis sociais: encontra-se também na fala, no entanto não havia sido estudado do ponto de vista sociolinguístico nem sido pensado quanto aos seus desdobramentos pedagógicos. O segundo estudo enfoca inovação encontrada na fala, pouco notada, mas estigmatizada quando ouvida, que não recebera também qualquer tratamento sociolinguístico. Já se podem encontrar casos na língua escrita. O terceiro trabalho avalia inovações produtivas das letras de música do movimento *funk* que, embora pareçam exercer forte influência na língua, recebem resistência de vetores normativos.

Inovação notada na escrita e coibida na escola

A tese *Variação em definições: as construções [SN ser SN] e [SN ser quando 0]* surgiu de prática docente em escola particular do Rio de Janeiro e em cursos de graduação de carreiras diversas na PUC-Rio. Nesses contextos, foram observadas duas estruturas variantes em textos de definição e de elucidação de termos: uma com o verbo *ser* e a outra com o verbo *ser* seguido da conjunção *quando*, como mostram os exemplos a seguir. No entanto, deve-se ressaltar que apenas casos de definição, como (01) e (02), foram analisados nessa etapa da pesquisa. O estudo dessas construções em enunciados como (03) e (04) será desenvolvido com o prosseguimento da pesquisa.

- (01) Argumentação ética **é** aquela em que a pessoa que argumenta está preocupada em construir uma boa imagem de si. (Resposta a questão discursiva – Graduando de Comunicação Social)
- (02) Argumento pelo exemplo **é quando** se toma por base outras pessoas, utilizando exemplos para poder defender sua tese principal. (Resposta a questão discursiva – Graduando de Comunicação Social)
- (03) O episódio que mais declaradamente mostra o poder de Dr. Bacamarte **é** o momento em que o vice-rei envia uma força a Itaguaí e o Alienista exige a

entrega do Porfírio. (Resposta a questão discursiva; prova de Língua Portuguesa, 2º ano do Ensino Médio)

- (04) O episódio que mostra mais declaradamente o poder de Dr. Bacamarte sobre a cidade é **quando** o texto diz que o Alienista exigia a entrega do barbeiro Porfírio e todos os seus apoiadores e mais uns cinquenta indivíduos que ele considerava mentecaptos. (Resposta a questão discursiva; prova de Língua Portuguesa, 2º ano do Ensino Médio)

Os comentários, em um *blog* português, sobre o emprego da estrutura “*é quando*”, confirmaram a ocorrência da variante não-padrão em situações pedagógicas e deixaram transparecer postura bastante conservadora no tratamento dos fatos linguísticos: “Qual é o professor que nunca se queixou de que os seus alunos iniciam a explicação de um conceito com aquele nefasto ‘é quando...’? Julgo que todos se lamentam do mesmo...” (S. Leite, 12/04/2007).

A variação, identificada não só em língua portuguesa, mas também em outras línguas, como revelam os exemplos a seguir, em inglês e francês, ainda não havia sido analisada do ponto de vista científico, embora tenha sido notada, há muito, nas salas de aula de colégios públicos e privados:

- (05) Poetry **is when** an emotion has found its thought and the thought has found words. Robert Frost (www.thinkexist.com)
- (06) A dilemma **is when** you don’t know which way to turn. (www.bartleby.com)
- (06a) A dilemma **is** a situation in which you don’t know which way to turn. (www.bartleby.com)
- (07) L’honneur, c’**est quand** le fort s’applique à aider le moins fort. Abbé Pierre (Abbé Pierre, Assemblée Nationale, 24 janvier 2006). (blogs.microsoft.fr)
- (08) La théorie, c’**est quand** on sait tout mais que rien ne fonctionne. La pratique, c’**est quand** tout fonctionne et que personne ne sais pourquoi. (www.foruns.igeneration.fr)

Foi com o suporte da Sociolinguística, mais especificamente com os conceitos encontrados em Labov (1972), que se desenvolveu o estudo das estruturas mencionadas, buscando-se identificar variáveis linguísticas e extralinguísticas que interferissem no fenômeno observado. O trabalho foi desenvolvido com base em

634 dados, coletados em contextos diversos, em forma oral, impressa e virtual. Entre esses dados, apenas 145 apresentaram a variante não canônica *é quando* em enunciados de definição, o que ressalta a ideia de que o fenômeno sinaliza inovação e tende a ser percebido mais facilmente por profissionais que tenham embasamento teórico bastante sólido em Sociolinguística.

Dos grupos de fatores analisados, revelaram-se fundamentais para a identificação de diferenças entre as construções alternativas o meio pelo qual as estruturas são veiculadas, a ocorrência de marcas de pessoalização, a área de conhecimento em que a construção de definição é utilizada. Pôde-se verificar a estreita relação que se estabelece entre emprego da estrutura marcada e situações de informalidade e de maior envolvimento entre os interlocutores. O traço de concretude ou abstração, contido no termo à esquerda das estruturas *ser* e *ser quando*, também mostrou-se pertinente para o emprego das variantes.

Os resultados decorrentes dessa pesquisa contribuirão para o desenvolvimento de trabalhos posteriores, posto que se esclareceu que há muito a ser investigado em relação à variação analisada. O tipo de texto em que as construções variantes *ser* e *ser quando* costumam ocorrer e a faixa etária dos envolvidos no processo interacional, por exemplo, são questões que não foram aprofundadas, mas mostram-se pertinentes para estudos futuros e relevantes para o trabalho em sala de aula. Além disso, vale ressaltar que o tema revelou-se fértil como ponto de contato com outras áreas de saber e outros modelos teóricos, o que evidencia sua importância no atual contexto interdisciplinar imposto pela globalização. Nesse sentido, vislumbram-se distintos modos de interface entre a Linguística, as áreas Tecnológicas e os campos das Ciências Humanas.

A utilização de determinantes diante de nomes de traço [-contável]

Na dissertação *ZERO ou UM: uso do artigo indefinido diante de nomes incontáveis*, o fenômeno escolhido despertou atenção a partir da conhecida expressão “*Quer um cafezinho?*”. A observação mais detalhada da utilização do referido artigo diante de inúmeros outros nomes com traço [- contável] motivou o aprofundamento da investigação do objeto selecionado para análise, que, de início, parecia de pouca relevância.

Ao atestar o fenômeno em amostras diversas, revelou-se um universo mais complexo do que o esperado. A utilização do artigo indefinido examinado mantém também relação com o uso do artigo definido, fato que dificultou ainda mais a

delimitação do objeto de estudo. Por isso, decidiu-se deixar de lado, temporariamente, os casos de artigos definidos.

Exemplos analisados acham-se ilustrados em (9) e (10), sendo \emptyset a notação estabelecida quando da ausência do determinante, alternando-se com a presença do artigo indefinido:

(9) Você aceita \emptyset café?

(10) Você aceita um café?

Os exemplos (9) e (10) encontram-se em contexto interacional e constituem a variável dependente em estudo. No entanto, a alternância \emptyset ou *um* pode ocorrer em outros tipos de discurso, como no texto em (11):

(11) Eu fico em casa, eu tenho que fritar *um ovo*, eu tenho que fazer *um cachorro quente...* se for \emptyset *linguiça* você tem que escaldar a *linguiça*, vai tirar *um pouquinho do sal*, faz o tempero, *um molho de tomate*, \emptyset *cebola*, \emptyset *pimentão*, depois corta *um pãozinho* no meio, bota \emptyset *linguiça*, *um queijinho parmesão dentro*, *uma maionese*.” (Amostra CENSO⁶)

O objetivo da pesquisa em tela consistiu em demonstrar a sistematicidade existente do fenômeno, aparentemente manifestado por acaso, em contextos de interação discursiva. As construções analisadas \emptyset e *um* ilustram-se em estruturas do tipo:

SN sujeito

VERBO

SN complemento [-contável]

\wedge

$\emptyset \sim \text{UM}$

Foram analisadas construções no padrão acima em que apenas itens lexicais específicos ocupam a posição de núcleo do Sintagma Verbal. São eles os seguintes: *desejar*, *gostar*, *querer*, *aceitar*, *ter*, *dar*, *ver*, *custar*, *ser* (em estruturas QU?). O universo estudado incluiu somente situações de oferta e pedido de produtos, portanto dados em contexto interacional.

Demonstramos que as variantes são contextualizadas, o que nos levou a verificar o efeito da variável independente *papel interacional* assumido pelo falante

⁶ In: <http://www.lettras.ufrj.br/peul>

em situação real de fala. Enquanto agentes ou interagentes de pedido e de oferta, os indivíduos da amostra processam construções variáveis com \emptyset e *um* diante de nomes não contáveis ao oferecer ou solicitar um produto. A hipótese baseia-se no fato de que a polidez pode influenciar as estratégias de pedido e de oferta: quanto maior a polidez, mais presença do artigo indefinido. Observem-se os exemplos (12) a (15) que exemplificam construções de pedido e oferta:

(12) Tudo bem meu amigo? Me dá *um* cafezinho?

Um cafezinho e *um* bombom [pedido]

(13) Tem \emptyset guaraná diet? [pedido]

(14) Deseja alguma coisa senhor?

uma água ou \emptyset café? [oferta]

(15) Aceita bebida, senhora? [oferta]

Os dados (12) e (13), extraídos da amostra, apresentam estratégia de pedido. Os dados (14) e (15) exemplificam estruturas utilizadas para oferta. O tempo verbal se mostrou outra variável interessante.

Através da análise quantitativa em que se postula um gradiente de formalidade, chega-se a indicações interessantes de que, quanto mais formal, maior distanciamento entre os participantes e mais provável torna-se o preenchimento do determinante do SN com artigo indefinido. Observa-se, nas construções analisadas na dissertação, que a discussão acerca dos princípios de definitude e da contabilidade nos nomes no português do Brasil (BLÜDORN, H. et al., 2007; CALLOU, D. et al., 2000; OLIVEIRA E SILVA, 1996) só pode ser aprofundada se todos os outros dados deixados de lado na análise forem considerados. Assim, o estudo tem muito para se desenvolver. O conhecimento intuitivo dos pesquisadores, pautado por um teste de atitude informal, elaborado para esta etapa da pesquisa, indicou que o fenômeno:

- (a) constitui uma inovação pouco notada pelos falantes;
- (b) constitui uma inovação que se encontra em variedade urbana de língua, nos termos de Bortoni-Ricardo (2004);
- (c) constitui uma variação de baixo para cima (LABOV, 1972)
- (d) constitui uma inovação que aparentemente não se encontra na escrita;
- (e) constitui uma inovação que tem configuração de hipercorreção (LABOV, 1972)

A relação do movimento FUNK com a mudança linguística

A dissertação *Funk e mudança linguística: uma análise sociométrica* levou em consideração que a presença do *funk*, na cidade do Rio de Janeiro, chama a atenção até do observador mais desatento. Sendo ou não assimilado pelos meios de comunicação de massa, o *Batidão*, subgênero do *funk*, apropriação carioca do *Miami Bass*, frequentemente atravessa o caminho dos moradores da cidade sejam eles do morro ou do asfalto. Desprezando as formas convencionais de divulgação, esse ritmo chega aos ouvidos dos não aficionados, independentemente de sua vontade, muitas vezes, até através de um desses carros adaptados com muitos alto-falantes, que impõem a todos a música que neles está sendo executada, em função da grande potência de som de que dispõem.

A força desse movimento cultural, produzido pelas comunidades periféricas e para as comunidades das periferias da Cidade, faz com que alguns limites impostos pela realidade da cidade sejam rompidos. Uma dessas rupturas relaciona-se ao uso da língua: está presente, nas letras das canções, um léxico próprio que é produzido no universo *funk*, cuja utilização, no entanto, parece não se restringir somente ao referido movimento cultural.

A partir dessa suposição, investigou-se até que ponto palavras, expressões e processos morfológicos produtivos, presentes nas letras do *funk* carioca, atravessam as fronteiras muito nítidas, mas não tão rígidas, das duas “cidades” existentes no Rio de Janeiro e passam a fazer parte do repertório linguístico de jovens de classe média e de classe média alta. Para tal, os dados foram coletados das letras das canções, com o objetivo de, posteriormente, a partir da análise dos falares distensos de um grupo de adolescentes cariocas que não pertence à classe social em que essas canções são compostas, observar em que medida ocorre influência linguística em outras comunidades. É importante, entretanto, ressaltar que as letras não são as das canções divulgadas amplamente pelos meios de comunicação. São aquelas que circulam clandestinamente, em CDs *piratas*, vendidos de forma mais ou menos discreta pelos camelôs ou, segundo denúncias da imprensa, ofertados pelos traficantes aos clientes mais fiéis. Há ainda outra forma de acesso, do qual geralmente os jovens fazem uso: baixá-las diretamente da internet para aparelhos MP3. Tais canções recebem o sugestivo rótulo de *Proibidão*.

Parece que, por se tratar de uma realidade tão peculiar, a linguagem usada para retratá-la seja igualmente bastante peculiar. Será que isso permitiria supor a existência de um jargão do *funk*, um *funkês*? Segundo Burke (1997), jargão é uma palavra medieval encontrada em provençal e em francês já nos séculos XII e XIII

e, posteriormente, em inglês, usada para se referir à fala ininteligível, a um tipo de gargarejo. Burke cita Halliday (1994) para afirmar que, mais tarde, passou a designar a linguagem do submundo, um tipo de gíria que ajudava a tornar a atividade de pedintes, ladrões e vigaristas, incompreensível para o cidadão comum. Era uma antilinguagem de uma contracultura ou uma linguagem para marginais.

A observação das transcrições da fala espontânea do grupo de alunos apontou para a ausência quase total dos elementos linguísticos relacionados ao mundo *funk*. Em certos grupos, com os quais foram realizadas as gravações, notam-se algumas poucas ocorrências, descritas a seguir. No primeiro grupo analisado, foram observadas três ocorrências da palavra *parada*:

- (16) Eles realmente exploram muito mal essa *parada* da... dos universitários.
- (17) Eles sabem, mas sabe é tanta pressão em cima das pessoas, em cima dos policiais, em cima dos traficantes, que eles acabam fazendo a *parada* errada.
- (18) Rapidinho. Essa *parada* de ... Ah, não! Você, digamos, ...

Essa palavra, tal como foi usada por esses jovens, no mesmo sentido e contexto, aparece nas letras em questão:

- (19) Se liga nessa *parada*

É importante salientar que, nesse primeiro grupo analisado, encontrava-se a aluna líder entre as meninas da turma de uma escola de classe média alta do Rio, da mesma forma, no grupo, havia um rapaz líder, entre os meninos. Em termos de influência do movimento na linguagem no restante dos colegas de classe na escola, encontraram-se apenas três ocorrências da palavra *parada*:

- (20) Olha aqui, gente. É aquela *parada*.
- (21) Aquela *parada* que a Julia falou aí de que tem muita gente que vai por esse caminho.
- (22) Então pronto, sabe? É aquela *parada*, não são todos os casos que merecem isso.

No entanto, num momento em que o líder dos alunos faz uma brincadeira com as colegas, desviando-se do debate que lhes foi proposto para fins de coleta de dados, os itens lexicais presentes nas canções são utilizados e o morfema –ão é altamente produtivo nas letras do *Proibidão* naturalmente, como se pode observar no trecho abaixo.

(23) “Ih! Nem tava gravando...

(24) Mentira!!!

(25) Caô!!! (risos)

(26) Malandrão, você!

(27) Bandidão!”

No trecho, além da ocorrência do morfema –ão, aparece a palavra *caô*, também recorrente no universo *funk*.

Entretanto, a hipótese de mudança linguística não foi atestada. Os poucos fenômenos linguísticos observados não foram além dos alunos líderes e relacionam-se, quase exclusivamente, a gírias, inovações “superficiais”, apenas no nível lexical. A influência linguística quase nula do *FUNK* em outras comunidades de fala nos leva às seguintes questões: (1) estaria o movimento *funk* encapsulado em uma certa comunidade de fala com usos específicos de tal modo a não atingir outras comunidades? (2) o fato de os alunos submetidos às gravações serem letrados, com nível médio de escolaridade, impediria a entrada de inovações que têm carga negativa? (3) considerando (2), haveria estigmatização, já que as inovações são oriundas de um universo de violência e exclusão social? (4) será que as palavras e expressões do movimento *funk* relacionam-se a uma funcionalidade específica, não extrapolando o universo do movimento, uma vez que emergem apenas das canções que os jovens escutam - não há um contato direto entre as comunidades de fala? (5) quando há barreiras normativizadoras e de natureza avaliativa do ponto de vista negativo, pode haver impossibilidade de mudança linguística?

Vale lembrar que a pesquisa foi realizada em espaço escolar; vale também considerar as palavras de Cezario e Votre:

O indivíduo, inserido numa comunidade de fala, partilha com os membros dessa comunidade uma série de experiências e atividades. Daí resultam várias semelhanças entre o modo como ele fala a língua e o modo dos outros indivíduos. Nas sociedades em que é

nítida a separação da população em classes sociais e econômicas, a relação entre língua e classes sociais se verifica com bastante evidência. (2008)

Os resultados do presente trabalho apontam para a confirmação do que foi dito acima. Foram utilizados, neste estudo, elementos de classes socioeconômicas antagônicas supondo-se que, a partir de um movimento cultural muito forte, presente na cidade do Rio de Janeiro, fenômenos linguísticos de uma comunidade de fala pudessem ser apropriados pela outra que lhe é antagônica.

No entanto, a conclusão a que se chega é que, por mais que os movimentos culturais pareçam fortes e penetrantes, a língua só assimila inovações quando há condições propícias para isso. Os grupos em questão, jovens de classe média e compositores do movimento *funk*, não compartilham das mesmas experiências e atividades: apesar de ouvirem e cantarem as mesmas canções, suas realidades são muito diferentes e não se misturam quanto aos usos que fazem da língua.

Considerações finais

Os três exemplos ilustram questões relacionadas a usos linguísticos com os quais o professor frequentemente convive em situações pedagógicas. O domínio dos princípios da Sociolinguística não só permite ao profissional desenvolver pesquisas que descrevam e esclareçam esses usos, mas também o instrumentaliza para tomar decisões mais seguras e coerentes na sua prática docente. A pesquisa na área da Sociolinguística Aplicada precisa avançar por novos campos, de modo a revelar pontualmente o que está abaixo do nível da consciência do senso comum, nos termos de Labov (1972), na observação de marcadores de identidade regionais e socioculturais. O ambiente escolar constitui campo bastante fértil para se observar a dinamicidade e a diversidade linguística, desde que se desenvolva postura crítica e investigadora nesse contexto. Com base nessas considerações, julgamos indispensável para a formação de graduandos em Letras e Educação: (1) a presença de professores pesquisadores em linguística no processo de formação de docentes em todos os níveis do sistema educacional para a implementação de postura crítica diante dos problemas encontrados em sala de aula; (2) a liderança de ponta em linguística no processo de formação, com o objetivo de promover o saber docente para lidar integralmente com tópicos em Sociolinguística, evitando a reprodução banalizada de teorias e conceitos conhecidos.

A hipótese defendida, neste texto, quanto à qualificação profissional em Letras e Educação pressupõe, portanto, que é necessário ao docente:

- (a) ficar atento à contemporaneidade da língua;
- (b) não trabalhar a língua como um sistema estático;
- (c) não se limitar somente ao conhecimento consolidado da área;
- (d) assumir postura crítica em busca de constante inovação;
- (e) contar com o apoio de pesquisador-orientador que lhe forneça permanente suporte atualizado, de modo a implementar o que é proposto em (a), (b), (c) e (d).

MOLLICA, Maria Cecilia de Magalhães; GOES MONTEIRO, Maria Cristina G. de; LOUREIRO, Fernando Cardoso; COUTINHO, Flávia Diniz de Souza; ALIPIO, Rodrigo. Sociolinguistics and teachers' qualification. **Revista do Gel**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 9-22, 2008.

***ABSTRACT:** In this article, we discuss the role of the formation in Linguistics in Language graduation courses and also in qualification programs. Based on two dissertations and one thesis from Graduated Program of Linguistics of Universidade Federal do Rio de Janeiro, we suggest that, during their qualification process, teachers should be helped by an experienced researcher in Sociolinguistics who might be able to identify new phenomena of linguistic variation and change as well as their possible consequences in teachers' qualification and professional practices.*

KEYWORDS: Sociolinguistics. Variation. Change. Literacy.

Referências

ALIPIO, Rodrigo. **Zero ou Um:** uso do artigo indefinido diante de nomes incontáveis. 123f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

BLÜHDORN, Hardarik et al. Sintagmas nominais contáveis e não-contáveis em alemão e no português brasileiro. In: MASA, Noruma (Org.). **Estudos contrastivos alemão e português do Brasil**. São Paulo: 2007. No prelo.

BURKE, P.; PORTER, R. (Org.). **Línguas e jargões:** contribuições para uma história social da linguagem. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CALLOU, D. et al. Dinâmica do específico e do genérico: artigo definido e construções existenciais. In: **Veredas – Revista de estudos linguísticos**. v. 4, n. 02, jul-dez. Juiz de Fora: Ed. da UFJP. p. 81-88, 2000.

CEZARIO, M. M.; VOTRE, S. J. Sociolinguística. In: MARTELLOTA, M. E. (Org.). **Manual de Linguística**. 1. ed. São Paulo: Contexto, p. 141-156, 2008.

COUTINHO, Flávia Diniz de Souza. **Funk e mudança: uma análise sociométrica**. 160f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

GOES MONTEIRO, Maria Cristina G. de. **Variação em definições: as construções [SN ser SN] e [SN ser quando 0]**. 154 p. Tese (Doutorado em Linguística), Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

HALLIDAY, M. A. K. **An Introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1994.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Emprego do artigo definido diante de possessivo e de patronímico: resultados sociais. In: OLIVEIRA E SILVA, G. M; SCHERRE, M. M. P. (Orgs.). **Padrões Sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

Bibliografia consultada

CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D., TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Eds.). **Literacy, language, and learning: The Nature and consequences of reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-122.

HEGENBERG, L. **Definições: termos teóricos e significado**. São Paulo: Cultrix, 1974.

TANNEN, D. Relative focus on involvement in oral and written discourse. In: OLSON, D., TORRANCE, N.; HILDYARD, A. (Eds.). **Literacy, language, and learning: The Nature and consequences of reading and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

THOMPSON, Sandra A.; HOPPER, Paul J. **Transitivity in Grammar and Discourse**. *Language*, v. 56, n. 2, 1980.

TRAUGOTT, E. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.